

O INTERCULTURAL NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS: uma Abordagem Teórica¹

Véra Lúcia Teixeira Carneiro*

Resumo: O texto propõe, a partir do conceito de alteridade, uma reflexão sobre os mecanismos formadores da individualidade cultural e o sistema de auto-proteção que ela representa face ao estranho (ao diferente). A percepção de que as culturas são relativas quando comparadas entre si pode ser um caminho para a minimização de estereótipos e, como consequência, levar a um melhor entendimento intercultural.

0. Introdução

Nos nossos dias, **comunicação** é uma palavra de alta frequência. O número de obras sobre a comunicação já é tão significativo que comunicação e seus derivados serão provavelmente palavras-chave da história da nossa era. Curiosamente, porém, as palavras cultura e civilização quase não aparecem nos manuais de inspiração comunicativa. Coste (1980) afirma que é da concepção de língua como instrumento de comunicação que decorre a idéia de que bastaria a simples aquisição da língua (código de regras) para tornar possível a comunicação, uma vez que esta decorre naturalmente desse conhecimento. Mas, a verdade é que a mera fluência na produção de enunciados em língua estrangeira, sem qualquer consciência de suas implicações ou de seu uso apropriado, e a leitura de textos sem a percepção dos valores e pressupostos subjacentes são de utilidade artificial, até mesmo em um nível puramente prático.

Por outro lado, uma abordagem comunicativa do ensino de línguas está necessariamente ligada a uma realidade sociocultural; o uso autêntico da língua, a leitura de textos originais, ou a audição de falantes nativos, introduzem, concomitantemente, componentes culturais na sala de aula, quer o professor esteja ou não ciente deles.

Com o surgimento da Sociolinguística e da Etnolinguística, da Linguística da

* Colégio de Aplicação (UFPE)

1 Este trabalho reproduz, com algumas modificações, a 1a. parte do cap. 5 da Dissertação de Mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFPE em dezembro de 1992, sob o título: "A Abordagem Intercultural no Ensino-Aprendizagem de Línguas Estrangeiras".

Enunciação e de noções como competência comunicativa, não é mais possível que se conceba a abordagem das culturas apenas em termos de capítulos "suplementares" em relação a uma aprendizagem que seria de caráter estritamente lingüístico; torna-se indispensável uma abordagem específica do fato cultural que englobe o lingüístico e que o ultrapasse.

Como a abordagem centrada no professor não corresponde mais nem à prática pedagógica nem à evolução das idéias e das disciplinas a perspectiva intercultural se apresenta como uma alternativa metodológica interessante e rica em potencialidades educativas. Embora ainda não esteja totalmente estabilizado e formatizado, o enfoque intercultural se constrói em torno e a partir de alguns eixos, dentre os quais o da alteridade.

1. Do Etnocentrismo ao Relativismo Intercultural

Um obstáculo para a compreensão intercultural é a tendência que temos de considerar nossa maneira de perceber e fazer as coisas como a mais "natural", a mais "racional", a melhor!

A verdade é que muito raramente estamos livres desse etnocentrismo. Até mesmo aqueles que entram em contato, mais ou menos regularmente, com pessoas de outras culturas são tentados a pensar que a **nossa maneira** é melhor, mais racional e mais lógica, mais conveniente e mais prática, mais antiga, mais esteticamente agradável e mais humana que a **deles**. Tais pessoas encontrarão boas explicações para o porquê - usando exemplos irrelevantes - é "melhor" tráfegar pela direita do que pela esquerda, usar garfo e faca em vez de pauzinhos, ou vice-versa. Nesses aspectos, é fácil sermos tolerantes, porque consideramos todas essas diferenças "tolas". Mas será esta uma maneira adequada de lidar com as diferenças culturais? Será que assim demonstramos respeito à cultura estrangeira, e será que a cultura estrangeira se torna suficientemente atraente para que queiramos saber mais sobre ela? Ou será, ao contrário, que esta maneira de pensar reforça a opinião de que a "nossa maneira é melhor, mais racional e mais lógica"? Por que estamos tão desejosos de provar que a **nossa forma de vida** é bem melhor que a **deles**?

Tudo o que o homem é e faz é modificado pela educação e é, por isso, modificável. Mas, uma vez adquiridos, esses modelos de conduta, essas reações usuais, esses modos de relação se escondem, pouco a pouco, e passam a comandar todo o comportamento humano. Esses sistemas ocultos de controle são, geralmente, considerados inatos pela simples razão de que são onipresentes e familiares. "Despartilhar" o natural torna-se, em vista disso, tanto mais difícil quanto todos em redor partilham os mesmos modelos.

Os encontros interculturais podem ser a ocasião para uma tomada de consciência das estruturas do nosso próprio sistema, porquanto freqüentemente provocam uma interrupção no nosso modelo interiorizado. Este tipo de experiência pode ser algumas vezes um processo doloroso, pois os valores, as normas, as opiniões e as perspectivas da nossa cultura são, agora, a nossa segunda natureza. É a nossa cultura

que ordena o nosso mundo e nos dá segurança; é ele que nos sugere o que fazermos e esperarmos em cada situação. Assim, se a nossa cultura nos habilita para a compreensão de nossas ações e do que acontece conosco, é possível afirmar que um encontro com uma cultura estrangeira - que ordena o mundo de modo diferente - provavelmente nos irritará ou atemorizará.

Na confrontação com a alteridade, procuramos, primeiramente, o prazer dos reencontros conosco, a permanência da nossa visão de mundo. "*Qualquer percepção de diferença provoca um discurso conservador, uma busca narcísica da identidade materna*" (Zarate, 1986:27). Isto porque aquilo que antes não era importante para nós torna-se, de repente, problemático e não mais confiável. Portanto, poderemos até vivenciar o encontro com uma cultura desconhecida como uma ameaça à nossa identidade. Em seu livro **Understanding. A Phenomenological Pragmatic Analysis**, Madison (1982:45-6) salienta que um encontro com outra cultura:

representa de fato uma ameaça ao equilíbrio mental e cultural da pessoa, pois encontrar outra cultura na sua diversidade significa se fazer consciente, concretamente e geralmente de forma dolorosa, do fato de que existem outras maneiras igualmente possíveis de fazer e encarar as coisas, de ordenar o mundo e de compreender a vida; maneiras freqüentemente muito diferentes e até contrárias às formas culturalmente habituais da pessoa.

Não seria, porém, o objetivo da socialização e da educação convencer os membros de uma cultura de que a sua maneira de perceber e fazer as coisas é a melhor, a fim de poder rechaçar as dúvidas e as inseguranças? Sob esse prisma, não seria o etnocentrismo uma consequência lógica e necessária da socialização?

Geertz (1973, apud Bredella, 1988:3) argumenta que se a cultura é considerada como aquilo que provê "*orientação para um organismo que não pode viver num mundo que não consegue entender*", é necessário também, e ainda com mais ênfase, levar em conta que cada cultura é uma resposta criativa para essa situação. Se a cultura é vista sob essa perspectiva, podemos nos tornar conscientes da relatividade de cada cultura e apreciar o que elas têm conquistado enquanto resposta criativa para a condição humana. Logo, a razão do etnocentrismo também pode ser a razão para superá-lo.

Se aceitamos que as culturas são relativas quando comparadas entre si, e que cada uma é uma resposta criativa para a condição humana, os encontros com culturas estrangeiras não irão simplesmente ser irritantes e confusos, mas poderão se tornar libertadores e abrir novas perspectivas para nosso autoconhecimento.

A aceitação da relatividade de todas as culturas cria, porém, um outro problema: como podemos compreender o que é diferente? Será que a compreensão de que cada cultura provê uma orientação diversa para a estruturação e ordenação do mundo não implica que estamos aprisionados em nossa cultura?

A aceitação do relativismo intercultural implica a percepção de que sociedades

diferentes apóiam-se em valores distintos, e que nós distorcemos os fatos e os eventos quando não os inserimos no seu sistema de origem. Daí termos que aprender a pôr entre parênteses os conceitos e as crenças da nossa própria cultura na tentativa de evitarmos fazer comparações.

Teórica e metodologicamente, a comparação é perigosa; querer encontrar em cada cultura os mesmos elementos sob formas diversas ou graus de maturidade diferentes conduz à crença na existência de um esquema cultural universal a partir do qual se ordenariam todas as culturas; a comparação de aspectos culturais é causadora também de reducionismo e esquematização; por exemplo, a sinagoga é como uma igreja, todas as cidades são iguais etc...

O relativismo evita que julguemos a cultura estrangeira pelos nossos próprios padrões, e isto é um sinal de aceitação e respeito:

Mesmo uma diferença de modos de comportamento não nos impede de atingir um certo grau de compreensão de outra forma de vida um tanto alérgica. Nós não reagimos às maneiras estrangeiras da mesma forma que reagimos, digamos, às espécies exóticas de vida animal. A única saída para o dilema seria admitir que existe algo que todas as pessoas compartilham, algo que deve ser encontrado, não no nível da significação explícita, nem mesmo no nível do comportamento prático e do conhecimento íntimo, mas bem mais profundamente. Madison (1982: 135-600)

O que é que nós compartilhamos? E o que torna possível a compreensão e as traduções de uma cultura para outra? A título de ilustração, podemos pensar no nosso conceito de "saudade". Ele é diferente, por exemplo, dos conceitos de *chagrin*, *regret*, *manque*, *nostalgie* etc, mas só podemos compreender as diferenças entre eles e o nosso com base nas semelhanças entre todos os conceitos, ou se dispusermos cada conceito na rede semântica de que faz parte.

O estudante francês, que tenta compreender o significado de "saudade" na cultura brasileira, traz o seu conhecimento das palavras *chagrin*, *regret*, *manque* etc; sem esse conhecimento, seria impossível compreender o conceito de "saudade". Mas essas semelhanças não são suficientes. O estudante tem que se conscientizar de que o conceito de "saudade" adquire um significado diferente no contexto cultural brasileiro. Com base nesse processo dialético, seria um fracasso exigir que os alunos de uma outra cultura se livrassem dos seus conhecimentos e experiências. Eles só serão capazes de compreender a cultura estrangeira a partir dos seus próprios conceitos culturais, pois não é possível retornar a um grau zero de cultura.

Isso implica que o estudante francês pode compreender a "saudade brasileira", porque os conceitos dele e o nosso possuem algo em comum. Este é o postulado básico para toda compreensão e, neste sentido, como diz Bredella (1988), "toda compreensão é assimilação". Todavia, um processo oposto tem início: um processo de conscientização das diferenças entre as culturas.

Analisando como a compreensão é alcançada quando entramos em contato com uma cultura diferente, Madison (1982:141) argumenta que não podemos tomar o

comportamento das pessoas como um ponto de referência comum, "*pois não existe tal coisa que seja o comportamento comum de todas as pessoas*". É igualmente impossível tomar assim a língua, "*porque o sistema de significação é até mais inacessível que o comportamento exterior*". De acordo com Madison (1982: 130), não é uma natureza comum aquela que compartilhamos, mas sim uma situação semelhante:

O que todos compartilham é... não um mundo comum mas sim uma situação semelhante: a condição humana. Todos estão confrontados com o mistério do nascimento, o enigma da morte, da sexualidade, e a necessidade de reconhecimento, a obrigatoriedade de encontrar maneiras de viver em um ambiente adverso, obscuro e por vezes hostil. Diferentes culturas ou mundos são o resultado das diferentes maneiras pelas quais as pessoas procuram lidar com o "de onde", "para onde" e a "razão" da existência. É esta situação humana analogamente vivenciada que liga todas as culturas, e não uma natureza "objetiva". Pois "natureza" é algo que existe apenas e através da cultura (grifo do autor).

Uma vez que todas as culturas são respostas criativas à condição humana, elas devem compartilhar semelhanças que tornam o acesso a elas possível. Mas apenas isto não é suficiente; a compreensão de uma cultura diferente da nossa implica a tradução de experiências e conceitos da outra cultura para nossa própria língua; ademais, ao fazê-lo, estamos correndo o risco de distorcê-los.

Para compreender o comportamento, por exemplo, dos índios, temos que reconstruir seus esquemas de referência. Precisamos colocar entre parênteses o que parece "natural" para nós. Senão as idéias de mascar coca ou invocar espíritos deveriam ser necessariamente descartadas como formas de vício, de fantasia etc. O exemplo tenta ilustrar a idéia de que a compreensão de uma cultura diferente desafia nossos pressupostos básicos, exige que reconstruamos o contexto original de uma cultura para podermos compreender seus símbolos em termos das pessoas que os criaram.

Os encontros com culturas estrangeiras, via de regra, não levam a uma melhor compreensão dessa cultura, porque não nos esforçamos o suficiente para compreender o que é estranho para nós em termos de seu próprio contexto cultural. Nós o percebemos como curiosidade e quase sempre tiramos conclusões erradas.

Para chegarmos à compreensão intercultural, é necessário, portanto, que modifiquemos nosso quadro de referências, pois, se não o fizermos, dividiremos as culturas em duas partes: a estrangeira (estranha) e a familiar (conhecida). A consequência dessa separação é que os aspectos estranhos e curiosos serão interpretados através da bagagem da nossa própria cultura e tomarão significados que não possuem em suas culturas de origem.

A percepção de uma cultura significa, pois, a reconstrução da visão de mundo dessa cultura e a interpretação de eventos e ações à luz dos seus próprios conceitos, crenças e valores.

2. A Alteridade: Eixo da Abordagem Intercultural

Reconhecer que existe uma relativa incomunicabilidade entre culturas diferentes é tomar consciência de que uma assimilação total é impossível, uma vez que *"uma cultura consiste numa multiplicidade de traços, alguns comuns, em graus diferenciados, a culturas vizinhas ou longínquas, enquanto que outros a separam de maneira mais ou menos marcada"* (Lévi-Strauss, 1983: 17-39).

Contudo, a percepção de uma cultura depende menos de suas características do que do olhar daquele que a observa. Para ultrapassar os efeitos do etnocentrismo, é necessário aprender a dominar o medo do desconhecido e do vazio, e transformar o medo em curiosidade, o desconhecido em conhecido. Compreender o homem, compreender a cultura, compreender o mundo e mostrar o irracional são aspectos inseparáveis dentro de um enfoque intercultural.

"A condição prévia e necessária para uma comunicação plena e completa é que cada um daqueles envolvidos reconheça no outro a qualidade plena e inteira de sujeito:", diz Chambard (1982, apud Zarate, 1986: 129). Somos iguais apesar de diferentes; somos diferentes apesar de iguais. A diferença do outro impõe um duplo movimento de auto-eteroavaliação que propicia reconhecimentos e desencontros.

Percebido desta maneira, o outro é introduzido não mais através do prisma inconsciente, e por isso deformador da cultura materna, não mais como objeto de estudo, mas, conforme salienta Todorov (1982, apud Abdallah-Pretceille, 1983: 41), como sujeito que *"não se deixa representar porque é olhar e não coisa para ser vista"*. Esta introdução do outro como sujeito é importante também para a percepção e a objetivação de sua cultura. Com efeito, como elemento da dualidade, da alteridade, o outro é constitutivo do sentimento da identidade, quer seja este definido em termos psicossociológicos, culturais, étnicos... individuais ou coletivos.

Essa perspectiva interacionista, construída a partir da complementaridade do eu e do outro, é, de fato, um antigo tema da filosofia trabalhado por Bakhtin e Jean-Paul Sartre, dentre outros. Para Bakhtin, a comunicação só existe na reciprocidade do diálogo e tem o sentido antropológico de processo pelo qual o homem se constitui enquanto consciência no autoreconhecimento, pelo reconhecimento do outro, numa relação de alteridade:

Apenas tomo consciência de mim, só me torno eu mesmo ao me revelar ao outro, através do outro e com a ajuda do outro. Os atos mais importantes, constitutivos da consciência de si, se determinam em relação a uma consciência (a um "tu"). A ruptura, o isolamento, o fechamento em si é o motivo fundamental da própria perda. (Bakhtine, Le principe dialogique).

Assim, para Bakhtin, se é nessa relação com o outro que adquirimos consciência de nós mesmos, a intersubjetividade precede logicamente a subjetividade: é no reconhecimento do outro diferente do eu, mas que o reflete, que os indivíduos se constituem em sujeitos:

O próprio ser do homem (tanto exterior quanto interior) é uma comunicação

profunda. Ser significa comunicar [...], ser para o outro e, através dele, para si. O homem não possui território interior soberano, ele está inteiramente e sempre sobre uma fronteira; olhando o interior de si, ele olha nos olhos do outro ou através dos olhos do outro. Não posso dispensá-lo, não posso tornar-me eu mesmo sem ele; devo encontrar-me nele, encontrando-o em mim (no reflexo, na percepção mútua). (Bakhtine, *Le principe dialogique*)

A percepção da importância desempenhada pelo outro na constituição da própria consciência em qualquer nível está presente na máxima de Jean-Paul Sartre (1943) "*Tenho necessidade da mediação do outro, para ser o que eu sou*", ou ainda quando chama atenção para o fato de que: "*Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu passe pelo outro. O outro é indispensável para minha existência, tanto quanto para o conhecimento que tenho de mim*" (Sartre, 1960).

Enquanto o homem não tomar consciência da importância das diferenças (humanas), não pode tomar consciência do seu verdadeiro ser social, e assim não terá bases para validar o seu próprio ser.

A comunicação desempenha uma dupla função para a condição existencial do homem: ela importa tanto ao sujeito enunciador quanto ao (s) interlocutor (es) numa relação dialógica de definição e de reconhecimento. Se, como diz Benveniste (1966:259), "*é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito*", é na comunicação e pela comunicação que ele constrói sua identidade.

Se aprender uma língua estrangeira é experimentar a alteridade cultural, é também elucidar as relações com a cultura materna através da conscientização das raízes culturais, pois, "*através dessa aceitação, é possível ter um olhar crítico sobre as forças e as fraquezas do próprio sistema*" (Hall, 1979:209). O encontro com o outro é também o encontro conosco, uma vez que a aprendizagem de uma língua estrangeira não é um saber neutro nem abstrato; ela nos questiona na nossa singularidade individual e coletiva; ela implica um posicionamento tanto em relação a nós quanto ao outro.

3. Conclusão

A língua existe para apreender o mundo, transmitir e receber conhecimentos, comunicar de múltiplas formas na vida quotidiana e, na idade escolar, para construir e reconstruir o conhecimento. É neste sentido que a aprendizagem de uma língua não é um fim em si mesma, e seu domínio está em função de seu caráter operativo e da extensão do seu campo de utilização. Seguindo este pensamento, o ensino de línguas e culturas não pode renunciar a se tornar intercultural e interdisciplinar, senão estagnar entre os modos e o objeto de aprendizagem.

No processo de compreensão da cultura estrangeira, não apenas explicamos o que é estranho, como também descobrimos novos elementos heterogêneos e contraditórios, de forma que nossas tentativas de compreender nunca são definitivas. É apenas a linha entre o estranho e o conhecido que sempre se desloca: ensinar a

compreensão intercultural deverá conservar vivo este processo dinâmico. Estaremos, assim, contribuindo também para manter-nos vivos nós mesmos, bem como as culturas.

O encontro com uma outra cultura é, em geral, difícil, mas a dificuldade é a própria essência da compreensão intercultural...

4. REFERÊNCIAS

- ABDALLAH-PRETCEILLE, M. 1983 "La perception de l'autre. Point d'appui de l'approche interculturelle. *Le Français dans le Monde* (181): 40-44. Paris, Hachette-Larousse.
- BENVENISTE, E. 1966 *Problèmes de Linguistique Générale 1*. Paris, Gallimard.
- BREDELLA, Lothar, 1988. "How is intercultural understanding possible? Perceptions and Misperceptions: The United States and Germany". *Studies in Intercultural Understanding*. Tübingen; Narr.
- COSTE, Daniel, 1980. "Analyse de discours et pragmatique de la parole dans quelques usages d' une didactique des langues". *Applied Linguistics* 1 (3). Oxford University Press.
- HALL, Edward T., 1979. *Au-delà de la culture*. Trad. Marie-Hélène Hatchuel. Paris, Seuil.
- LÉVI-STRAUSS, Claude, 1983. *Le Regard Eloigné*. Paris. Plon.
- MADISON, G. B., 1982. *Understanding. A Phenomenological Pragmatic Analysis*. Westport, Connecticut and London. England, Greenwood Press.
- SARTE, Jean-Paul, 1979. *L'Etre et le Néant*. Paris, Gallimard (1943).
- SARTE, Jean-Paul, 1960. *L'existentialisme est un humanisme*. Paris, Nagel.
- TODOROV, T., 1981. *Mikhail Bakhtine, le principe dialogique*. Paris, Seuil.
- ZARATE, Geneviève, 1986. *Enseigner une culture étrangère*. Paris, Hachette.